

Revista  
Multidisciplinar de  
Estudos

**NERDS**  
 **GEEK**

ISSN: 2675-5084

jul.- dez. 2020  
volume 2, número 4

Revista  
Multidisciplinar de  
Estudos

**NERDS**  
 **GEEK**

ISSN: 2675-5084

v.2, n. 4.

### Editores:

Fábio Ortiz Goulart (FURG)

Me. Lucas do Carmo Dalbeto (UNOESTE)

### Pareceristas convidados para esta edição:

Dr. Fábio Luiz Silva (UEL)

Me. Felipe Augusto Duarte (UNESP)

Me. Luiz Carlos Dale Vedove

Me. Natania Ap. da Silva Nogueira (UNIVERSO)

Me. Neide Carlos (UNESP - FAAC)

Dr. Wagner Valente dos Passos (FURG)

### Endereço para correspondência:

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Diretório Acadêmico de Arqueologia - Anexo 04

Av. Itália km 8 - Carreiros - Rio Grande, RS. CEP 96203-900

E-mail do Diretório: [daarqueologiafurg@gmail.com](mailto:daarqueologiafurg@gmail.com)

E-mail da revista: [revistaestudosnerds@furg.br](mailto:revistaestudosnerds@furg.br)

### Ficha Catalográfica

R454 Revista multidisciplinar de estudos *nerds/geek* / Liber Studium - Laboratório de Arqueologia do Capitalismo da Universidade Federal do Rio Grande. – v. 2 n. 4 (jul. - dez. 2020). – Rio Grande: [FURG], 2020.

Semestral.

E-mail da revista: [revistaestudosnerd@furg.br](mailto:revistaestudosnerd@furg.br)

Disponível em: [revistaestudosnerd.wixsite.com/estudosnerd](http://revistaestudosnerd.wixsite.com/estudosnerd)

v. 1 n. 1 (jan - jun. 2019).

ISSN: 2675-5084

1. Divulgação Científica 2. Estudos *Nerds* 3. Cultura de Massa  
I. Liber Studium – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo II. Título.

CDU 008:316.774

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

As matérias, artigos e demais produções que compõe a revista são de inteira responsabilidade de seus/suas respectivos/as autores/as. Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Revista  
Multidisciplinar de  
Estudos

# NERDS GEEK



ISSN: 2675-5084

v.2, n. 4.

---

## SUMÁRIO

EDITORIAL: O NASCIMENTO DA REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE ESTUDOS NERDS/GEEK.....	4
DOIS MODELOS DE ENSINO DE HISTÓRIA NA SAGA <i>HARRY POTTER</i> .....	6
ENTREVISTA COM MARIA SANAPO: A nova ilustradora de <i>Miss Fury</i> .....	21

## EDITORIAL: O NASCIMENTO DA REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE ESTUDOS NERDS/GEEK

No final do ano de 2018 foi iniciado um debate no Diretório Acadêmico de Arqueologia (DARQ), órgão de representação estudantil dos discentes de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) sobre uma revista que trouxesse à academia brasileira trabalhos no escopo dos “Estudos Geek”. Nesse mesmo ano, foi proposto à presidência da DARQ a criação de um periódico sobre estas temáticas, que foi aprovada por unanimidade pelos membros do órgão. A partir da criação do regulamento passaram a ser exploradas ferramentas digitais que pudessem ser aplicadas em sua formalização.

De forma a atender a multiplicidade dos Estudos Geek, que não se resumem a uma determinada área do conhecimento, foi definido que o periódico em questão deveria ser multidisciplinar, fazendo jus a infinidade de áreas em que os chamados Estudos Geek podem ser elaborados. Para tanto, pesquisadores de diferentes áreas foram convidados a colaborar com a publicação, mesmo que suas pesquisas não estivessem diretamente relacionadas ao escopo, mas que pudessem colaborar com esse campo de estudo para dar início ao periódico. Atualmente o corpo editorial inclui pesquisadores nas áreas de Comunicação, Design, Botânica, Zoologia, Arqueologia, Literatura e Psicologia. Quanto aos avaliadores, já atuaram pesquisadores em diversas áreas, tais como Sociologia, Filosofia, Moda, Ciências Jurídicas, Ciências Biológicas, Letras e Artes, entre outras.

Intitulado Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek, seu primeiro volume foi publicado em 2019 com três trabalhos, cada um deles proveniente de ciências específicas cujas reflexões versavam sobre diferentes aspectos e produtos do fenômeno nerd/geek.

Fábio Ortiz Goulart<sup>1</sup>

Lucas do Carmo Dalbeto

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande (FURG).  
Idealizador, Fundador e Editor da Revista  
Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek.  
E-mail: fabioortiz@furg.br.

Os textos publicados deram o impulso necessário para a continuidade da Revista. Embora ainda em fase de implementação, a publicação conseguiu abarcar tanto diferentes áreas do conhecimento quanto pesquisadores de diferentes níveis acadêmicos, o que pode demonstrar a necessidade de periódicos que se dediquem a publicações específicas dentro dos Estudos Geek no cenário acadêmico brasileiro.

Embora possuísse vínculo com o Diretório Acadêmico de Arqueologia, percebeu-se a pouca adesão e colaboração de estudantes do curso em relação ao periódico, o que levantou a preocupação sobre seu futuro. Foram levantadas possíveis saídas para que a Revista de Estudos Nerds/Geek se mantivesse ativa, mesmo sem a atuação de estudantes do bacharelado em Arqueologia, e optou-se por vinculá-la a um dos laboratórios existentes na área de Arqueologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande. Com a aprovação da professora Dr<sup>a</sup>. Beatriz Valladão Thiesen, presente nas pautas dos estudantes, a Revista de Estudos Nerds/Geek passa a ser vinculada ao Liber Studium – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo, a partir de seu quarto número, com o apoio da professora Bia, como é conhecida.

Cabe salientar que a escolha do laboratório não foi aleatória, mas sim um reflexo da relação que acreditamos ser estabelecida entre o fenômeno geek e a sociedade capitalista. Portanto vincular o periódico ao Liber Studium, um dos laboratórios mais antigos do bacharelado em Arqueologia e que versa sobre os estudos da sociedade capitalista, nos parece ter sido a melhor decisão no momento.

Agradecemos a todas as pessoas que tornaram e tornam possível a publicação do periódico.

Os Editores.

**Caio Rodrigues Schechner**

Mestre em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Pós-graduando em Saberes e Práticas na Educação Básica - Ênfase em Ensino de História, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: caio.schechner@gmail.com

Submissão: 25/08/2020

Revisão: 06/11/2020

Aprovado: 10/12/2020

Publicação: 16/02/2021

## DOIS MODELOS DE ENSINO DE HISTÓRIA NA SAGA *HARRY POTTER*

**Resumo:** O presente artigo tratará de fazer alguns breves apontamentos a respeito da imagem do ensino de História e, por extensão, da figura do historiador na saga de fantasia Harry Potter, da autora britânica J.K. Rowling. Identifico dois modelos de representação, com características e valoração diferentes, quase opostas, ainda que somente o primeiro seja explicitamente associado à História enquanto disciplina e campo do conhecimento. Chamei-os de modelo-Binns e modelo-Dumbledore, respectivamente. O estudo se justifica pelo fato de que, em razão de seu colossal sucesso editorial, o título em questão acabou por comportar uma das representações da história e do historiador que mais circularam entre o grande público nos últimos tempos, ainda que possuindo uma importância periférica na trama. Ademais, e partindo dessa constatação, entendo que o livro pode servir como importante plataforma de discussão de alguns aspectos importantes da História entre os fãs e conhecedores da saga.

**Palavras-chaves:** Ensino de História; Historiografia; Harry Potter.

## *TWO MODELS OF TEACHING OF HISTORY IN THE HARRY POTTER SERIES*

**Abstract:** *This article will try to produce some brief notes about the image of the teaching of History and, by extension, the figure of the historian in the fantasy series Harry Potter, by the British author J.K. Rowling. I identify two models of representation, with different characteristics and valuations, nearly opposite, although only the first is explicitly associated with History as a discipline and field of knowledge. I called them the Binns-model and Dumbledore-model, respectively. The study is justified by the fact that, due to its colossal editorial success, the series ended up containing one of the representations of History and the historian that circulated the most among the general public in recent times, although of peripheral importance in the plot. In addition, and based on this observation, I understand that the book can serve as an important platform for discussing some important aspects of History among fans and connoisseurs of the saga.*

**Keywords:** *Teaching of History; Historiography; Harry Potter.*



## 1. INTRODUÇÃO

Parece-me desnecessário apresentar a saga *Harry Potter*, série de sete livros da autora britânica J.K. Rowling, a quem quer que seja. Ainda mais neste caso, ao considerar o público a quem se dirige a revista em que está contido este texto. Não obstante, a abordagem à guisa acadêmica de semelhante obra certamente é capaz de causar incômodo. E é por esse motivo que entendo ser importante lembrar a magnitude da difusão da obra de que tratarei adiante – 450 milhões de livros vendidos ao redor do mundo, sendo 5 milhões no Brasil, em abril de 2020 (UOL NOTÍCIAS, 2020) – no intuito de justificar, ainda que parcialmente, a legitimidade de sua análise de maneira cientificamente conduzida.

No campo da História, penso que isso se dá por dois principais motivos: 1) Em razão de seu colossal sucesso editorial, o título em questão acabou por comportar uma das representações da história e do historiador que mais circularam entre o grande público nos últimos tempos, ainda que possuindo uma importância periférica na trama; e 2) Partindo dessa constatação, entendo que o livro pode servir como importante plataforma de discussão de alguns aspectos importantes da História entre os fãs e conhecedores da saga.

## 2. História (da Magia) nos primeiros livros (1-5)

Nos primeiros livros, a figura que, por assim dizer, melhor “representa” a história é o Prof. Binns, o professor de História da Magia. Na voz da narradora, ficamos sabendo o seguinte sobre essa disciplina:

Sem favor, a aula mais chata era a de História da Mágica, a única matéria ensinada por um fantasma. O Prof. Binns era realmente muito velho quando adormeceu diante da lareira na sala dos professores e levantou na manhã seguinte para dar aulas, deixando o corpo para trás. Binns falava sem parar enquanto eles anotavam nomes e datas e acabavam confundindo Emerico, o Mau, com Urico, O Esquisitão. (ROWLING, 2000a, p. 118)

Desta primeira apresentação, podem ser tiradas duas conclusões. A primeira é de que a História (ainda que da magia) era “a aula mais chata”, já que ministrada por um professor cuja vivacidade era tão limitada e a dinamicidade tão precária que, não reparando sua própria morte, levantou-se e continuou a lecionar como fantasma. Aqui, a imagem do professor espelha a imagem da disciplina e vice-versa. Nesse sentido, mais tarde é dito o seguinte: “A História da Magia era, por consenso, a disciplina mais chata que a bruxidade inventara. Binns [...] tinha uma voz asmática e monótona que era quase uma garantia de provocar grave sonolência em dez minutos” (ROWLING, 2003, p. 188).



Em segundo lugar, deve-se reparar no que se revela acerca do conteúdo ensinado, ou seja, aquilo que Rowling associa ao ensino de história: “nomes e datas”. Essa ideia é retomada no segundo livro: “[...] quase todos os alunos na sala caíram num estupor profundo, de que emergiam ocasionalmente o tempo suficiente de copiar um nome ou uma data e, em seguida, tornar a adormecer” (ROWLING, 2000b, p. 130). Ela também reaparece ainda no primeiro livro, da seguinte maneira: “O último exame foi de História da Magia. Uma hora respondendo a perguntas sobre velhos bruxos gagás que inventaram caldeirões automexíveis”, o que, compreensivelmente, implica em reações como “Quando o fantasma do Prof. Binns mandou-os descansar as penas e enrolar os pergaminhos, Harry não pôde deixar de dar vivas com os colegas” (ROWLING, 2000a, p. 226). Mais alguns exemplos serão úteis para atestar a recorrência da imagem.

No quarto livro da série, temos o seguinte trecho: “Era espantoso como o professor conseguia fazer até as revoltas mais sangrentas e encarniçadas parecerem tão tediosas quanto o relatório de Percy sobre os fundos dos caldeirões” (ROWLING, 2001, p. 311). Neste caso, reconhece-se que o tema em si poderia até ser interessante, se ao menos fosse lecionado por um professor menos tedioso. Mas,

mais do que o professor em si, o que estaria sendo questionado não seria o método de ensinar? A aula tão somente expositiva já vem sendo criticada há diversas décadas pela pedagogia crítica. A insistência em mantê-la redonda em situações como a descrita pela autora: “- Você não tem prestado atenção ao que o Prof. Binns vem nos contando sobre as revoltas dos duendes? – Não – disseram Harry e Rony juntos” (ROWLING, 2001, p. 357).

Essa mesma crítica de Rowling aparece mais uma vez n’*A Ordem da Fênix*, o quinto livro da série, da seguinte maneira: “Ele jamais variava a maneira de dar aulas, falava sem fazer uma única pausa, enquanto a turma anotava suas palavras, ou melhor, mirava sonolentemente o vazio” (ROWLING, 2003, p. 188). Sua centralidade na sala de aula, em oposição à nulidade de seus alunos, é tamanha que produz cenas como esta: “- Prof. Binns [...] não estou me sentindo bem./O professor ergueu os olhos de seus papéis, parecendo espantado, como sempre, de ver diante dele uma sala cheia de gente” (ROWLING, 2003, p. 293).

Vale aqui evocar, para efeito de contraste, uma reflexão de Paulo Freire, patrono da educação brasileira, referência teórica tão central na formação dos professores em nosso país (inclusive, é claro, os de História):





Na verdade, meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo *a* ou *b*, não é apenas o de me esforçar para, com clareza máxima, descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebe-la, na íntegra, de mim. [...] É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar” (FREIRE, 1996, pp. 118-129)

Em suma, no decorrer do livro, as aulas do Sr. Binns servirão como parâmetro daquilo que é tedioso ou enfadonho: “era desesperadamente monótono, tão ruim quanto escutar o Prof. Binns” (ROWLING, 2003, p. 198); “A primeira semana do trimestre parecia ter se arrastado uma eternidade, como uma gigantesca aula de História da Magia” (ibidem, p. 230). É claro, poder-se-ia argumentar que essa caracterização negativa se deve muito mais ao fato do professor em si ser enfadonho, do que inerentemente a disciplina que ensina. Parece ser essa a opinião do protagonista: “Harry ouviu o bastante em apenas dez minutos para perceber, mesmo vagamente, que nas mãos de outro professor o assunto poderia ter tido algum interesse” (ROWLING, 2003, p. 189). Com efeito, em texto

complementar disponível online, a própria autora nos revela sua inspiração para o professor Binns:

The inspiration for Professor Binns was an old professor at my university, who gave every lecture with his eyes closed, rocking backwards and forwards slightly on his toes. While he was a brilliant man, who disgorged an immense amount of valuable information at every lecture, his disconnect with his students was total. Professor Binns is only dimly aware of his living students, and is astonished when they begin asking him questions. (ROWLING, 2015)

Por mais interessante que seja investigar as razões que poderiam estar por trás disso, essa nuance é pouco importante para os propósitos deste texto. Porque o que eu gostaria de focar agora é a eloquência da associação entre a História, enquanto conhecimento e disciplina, e a caracterização negativa que lhe dá Rowling, ao menos em um primeiro momento. Além do mais, não devemos considerar essa associação uma simples coincidência ou obra do acaso. Se a autora desejava inspirar-se em seu antigo professor para criar uma de suas personagens, devemos nos questionar exatamente o porquê de ter sido justamente a História a que ela entendeu que cabia o papel de enfadonha, monótona, não dinâmica. Mas, sobretudo, devemos colocar isso em xeque, ludicamente, entre alunos do ensino básico e os fãs da saga em geral, mostrando-lhes como a História, principalmente nos dias de hoje, é muito mais do



que isso. Este é precisamente um dos objetivos deste texto.

Uma única exceção, inclusive muitíssimo significativa, da postura do Prof. Binns pode ser encontrada no segundo livro da série. Trata-se da discussão sobre a Câmara Secreta que, naquele momento, acreditava-se constituir ameaça à segurança dos membros da escola. Amedrontados diante da perspectiva de serem atacados, “aconteceu uma coisa que nunca acontecera antes. Hermione levantou a mão.” (ROWLING, 2000b, p. 130), pedindo ao professor que lhes explicasse a respeito da Câmara, até ali considerada uma mera lenda. Ao que responde, reveladoramente, o Prof. Binns:

- Minha matéria é História da Magia – disse ele naquela voz seca e asmática. - Lido com  *fatos*, Srta Granger, não com mitos nem com lendas. [...]

- Por favor, professor, as lendas não se baseiam sempre em fatos? [...]

- Bem – disse o Prof. Binns lentamente – é um argumento válido, suponho. – Ele estudou Mione como se nunca antes tivesse olhado direito para um aluno. – Contudo, a lenda de que a senhorita fala é tão  *sensacionalista* e até tão  *absurda* que...

**A classe inteira ficou pendurada em cada palavra que o professor dizia.** Ele correu um olhar míope por todos, rosto por rosto virado em sua direção. Harry percebeu que ele estava completamente desconcertado por aquela  **manifestação incomum de interesse.**

(ROWLING, 2000b, pp. 130-131,  *itálicos do original, negritos meus*).

Pela primeira vez, o Prof. Binns consegue angariar a atenção da turma. Que motivos estariam por trás disso? Consigo identificar, principalmente, dois: 1) Os temas abordados pelo professor referem-se diretamente à realidade – bastante imediata, diga-se de passagem – dos alunos; e 2) Por fim, ensina-se uma História que vai além das típicas guerras, revoltas e tratados, e passa dar atenção a lendas, o imaginário, a mentalidade, entendendo-os como fatos sociais: temas que, ao contrário do que pensa o Prof. Binns, diz muitíssimo respeito à História enquanto conhecimento.

Em oposição a essa exceção, vejamos aquilo que normalmente o fantasma exige de seus alunos. No segundo livro, temos a primeira entrada nesse sentido: “O Prof. Binns tinha pedido uma redação de um metro sobre o ‘Congresso Medieval de Bruxos Europeus’” (ROWLING, 2000b, p. 128). No terceiro, uma redação com este tema: “A queima das bruxas no século XIV foi totalmente despropositada – discuta” (2000c, p. 9). No quarto, o seguinte: “o Prof. Binns [...] mandou-os escrever ensaios semanais sobre a Revolta dos Duendes no século XVIII” (ROWLING, 2001, p. 188). No quinto, exige-se o seguinte numa espécie de



“vestibular” daquele universo ficcional: “Em sua opinião, a legislação sobre varinhas contribuiu para um melhor controle das revoltas dos duendes no século XVIII ou levou a esse controle?”; “Como foi violado o Estatuto de Sigilo em 1749 e que medidas foram introduzidas para impedir que o fato se repetisse?”; “Descreva as circunstâncias que levaram à formação da Confederação Internacional de Bruxos e explique por que os bruxos de Liechtenstein se recusaram a aderir” (ROWLING, 2003, p. 588). É imperioso reparar que todas as perguntas, e presumivelmente todo o conteúdo ensinado durante as aulas de História (da Magia, é claro) não se articulam, explicitamente, com nenhuma interrogação que tenha nascido do corpo discente e de suas realidades cotidianas.

Ao contrário, talvez pela primeira vez, na passagem que acompanhamos a exposição do Prof. Binns sobre a câmara secreta temos uma relação direta com os questionamentos que rondam o presente, isto é, que dizem respeito aos interesses e vidas dos alunos. A História, nesse momento de perigo, torna-se uma poderosa luz que faz compreender e guia as ações do presente.

Mas seria lícita, no campo da disciplina, essa íntima relação passado-presente? Não cabe ao historiador estudar o passado, e tão somente o

passado, quanto mais morto e distante, tanto melhor? O historiador francês Marc Bloch responde-nos com uma bela anedota contada em um de seus principais livros, *Apologia da História*. Em uma viagem à Estocolmo, acompanhado de Henri Pirenne, este pergunta-lhe logo quando de sua chegada: “O que vamos ver primeiro? Parece que há uma prefeitura nova em folha. Começemos por ela”. Bloch continua: “Depois, como se quisesse prevenir um espanto, acrescentou: ‘Se eu fosse antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida.’” (BLOCH, 2001, p. 65).

Examinada a imagem que Rowling produz do historiador e do conhecimento histórico, chega agora o momento de mostrar o equívoco cometido pela autora. Pelo menos desde a década de 30, com os avanços historiográficos bem representados pelo chamado movimento dos Annales, fundado pelos historiadores franceses Marc Bloch e Lucien Febvre, surge uma nova perspectiva sobre como escrever a História. O também historiador Peter Burke resume seus principais objetivos: “Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as



atividades humanas, e não apenas história política.” (BURKE, 1997, p. 12).

É a partir dessa ampliação temática dos *Annales* que surgem livros como *Os Reis Taumaturgos* (BLOCH, 2018), de Bloch, uma análise sobre o suposto poder curativo dos reis medievais de França e Inglaterra, passando pelos estudos de Jacques Le Goff acerca do imaginário medieval, culminando em títulos como *História da Morte no Ocidente* (ARIÈS, 2012), de Philippe Ariès, e *História do medo no ocidente* (DELUMEAU, 2009), de Jean Delumeau.

A abertura de novos campos à pesquisa histórica é evidenciada pela própria definição de Bloch de História: uma “Ciência dos homens [...] É ainda vago demais. É preciso acrescentar: dos homens, no tempo” (BLOCH, 2001, p. 55). Isso significa que, em última instância, a História dedica-se aos homens e àquilo que produzem no decorrer do tempo. É uma lição valiosa, pois entende-se que é necessário evitar uma História demasiadamente estrutural, excessivamente abstrata, que perca de vista os homens e mulheres de que se trata. Mas, até mais importante do que isso, essa definição mostra como a História não deve se limitar às poucas áreas que difusamente entende serem seu domínio, como parece ser o caso de Rowling. Ela deve, em última

instância, estudar os seres humanos ao longo do tempo, nos seus mais diversos e variados aspectos.

Nos textos de Bloch e Febvre, é visível a preocupação de fazer uma História que se distinguisse daquela feita pela historiografia positivista, entendida por eles como hegemônica à sua época. Lucien Febvre critica-a:

Mas que história? Aquela que “romanceia” a vida de Maria Stuart? Que tira a limpo tudo sobre o cavaleiro d’Eon e seus saíotes? [...] Nada disso! Nós não temos mais tempo. Muitos historiadores, e dos bem formados e conscientes, o que é pior, muitos historiadores se deixam ainda perder pelas pobres lições dos vencidos de 1870. Ah, eles trabalham muito bem! Eles fazem história do modo modo que suas avós se dedicavam à tapeçaria. Pontinho por pontinho. Eles são aplicados. Mas quando lhes perguntamos por que esse trabalho todo, a melhor resposta que conseguem dar, com um sorriso de criança, é a palavra cândida do velho Ranke: “Para saber exatamente como é que as coisas aconteceram”. Com todos os detalhes, naturalmente. (FEBVRE, 2011, p. 82).

Assim, busca-se produzir um estudo que não tenha como objetivo um detalhado relato daquilo que ocorreu no passado – esta ideia ainda é muito recorrente para aqueles distantes da área de História – mas sim uma “história problema”. Uma História, portanto, que seja mais do que uma narrativa sobre os grandes homens do passado e seus feitos. Ademais, intenta-se mostrar que os fatos em si não são a História: é trabalho do historiador, a partir das fontes, propor uma questão e procurar respondê-la.



Assim, não é suficiente narrar, há que se explicar: “expliquemos o mundo ao mundo” (FEBVRE, 2011, p. 82). Por isso, Lucien Febvre conclama os companheiros historiadores que “jamais se comportem alegremente como colecionadores de fatos [...]. Que nos deem uma História, não uma História automática, mas, sim, problemática. (FEBVRE, 2011, p. 84).

Dessa forma, a “história problema” diferencia-se da historiografia positivista não apenas por cambiar sua forma de abordar o passado, mas, também, por enxergar no fazer historiográfico um papel fundamental na construção do presente. Isto se dá, sobretudo, pela ascensão da Sociologia, cujo engajamento com o entendimento da realidade era buscado pelos Annales. Essa convicção também está presente em um texto de Marc Bloch, quando este afirma em relação à História que “não há senão uma ciência dos homens no tempo e que incessantemente tem necessidade de unir o estudo dos mortos ao dos vivos” (BLOCH, 2001, p. 67). Sob essa ótica, o historiador, entendido como todo aquele que se interessa pelo estudo do passado, aí inclusos os estudantes de ensino básico e superior, torna-se uma espécie de mediador entre o passado, o presente e o futuro: compreendendo o primeiro, à luz do segundo, e visualizando a construção do terceiro.

Em conclusão, este movimento de historiadores entende que no fazer historiográfico há, mais do que um simples compromisso, uma necessidade teórica de levar-se em consideração o próprio presente de que parte a investigação do passado. Outra importante característica dos textos de Bloch e Febvre, em especial no do segundo, é seu apelo por uma História que supere as tradicionais divisões da historiografia, tais como o “político”, “econômico” e “social”. O que se intenta, em lugar disso, é uma “história total”, capaz de relacionar todos esses aspectos das sociedades humanas, interligando-os, e que, portanto, não se limita aos temas da “velha” História: guerras, tratados e revoltas, como parecia pensar o velho Prof. Binns.

### 3. A História nos últimos livros (5-7)

O sexto livro da saga, traduzido no Brasil como *O enigma do príncipe*, constitui um verdadeiro ponto de virada no que tange à importância conferida à História na trama. Isto não acontece por uma mudança na forma de lecionar do Prof. Binns – inclusive, a esta altura, o protagonista já não mais frequenta a disciplina. Essa mudança de perspectiva em relação à História, na verdade, ocorre fora da “sala de aula” oficial, e talvez por isso não tenha sido percebida pelos leitores e quiçá pela própria autora. Com efeito, não há qualquer



comparação, oposição ou mera relação explicitamente feita entre a História ensinada pelo Prof. Binns e esse novo “modelo” de que falarei agora. Não obstante, é imperioso reparar que, percebido ou não, os dois fazem parte, em última instância, do mesmo universo epistemológico: o conhecimento sobre o passado. Dito isso, o realmente importante a ser pensado agora são as suas diferenças.

Então, Harry – disse o diretor em tom objetivo. – Você certamente tem se perguntado o que planejei para as suas...por falta de uma palavra melhor...aulas.

-Tenho, senhor.

-Bem, agora que você sabe o que induziu Lorde Voldemort a tentar matá-lo há quinze anos, concluí que já é tempo de lhe passar certas informações. [...]

- O senhor disse, no fim do último trimestre, que ia me contar tudo – lembrou Harry [...].

- E de fato contei – concordou Dumbledore placidamente. – Contei-lhe tudo que sei. Daqui para frente, estaremos deixando o terreno firme dos fatos para viajar juntos pelos turvos alagados da memória e nos embrenhar pelo matagal das suposições mais absurdas. Deste ponto em diante, Harry, posso estar lamentavelmente tão enganado [...]. (ROWLING, 2005, p. 145).

Esse novo modelo de estudo da História acontece principalmente por meio da chamada “Penseira”, uma espécie de dispositivo mágico que permite aos personagens reviverem, como

espectadores, uma memória do passado. Ainda que ela apareça já nos livros quarto e quinto, é a principalmente no sexto que ela terá uma importância crucial na narrativa. O protagonista, junto ao seu professor-mentor, visita diversas cenas pretéritas que envolvem a formação e desenvolvimento pessoal do vilão da trama. A ideia base é de que, ao lhe compreender melhor o passado, estariam mais aptos a derrotá-lo, como reforça a resposta do professor ao questionamento do protagonista: “- Senhor... é importante conhecer tudo isso sobre o passado de Voldemort?/- Muito importante, acho.” (ROWLING, 2005, p. 157).

Em outras palavras, aqui o estudo da História, semelhante ao caso da câmara secreta, torna-se um poderoso instrumento de compreensão do presente, capacitando a ação neste. Uma apropriação do passado, diga-se de passagem, muito mais sutil do que a velha máxima, ainda muito vigente no senso-comum, *Historia Magistra Vitae*, noção acerca da História tão bem analisada pelo historiador-teórico Reinhart Koselleck, segundo o qual esta seria:

[...] um cadinho contendo múltiplas experiências alheias, das quais nos apropriamos com um objetivo pedagógico; ou, nas palavras de um dos antigos, a história deixa-nos livres para repetir sucessos do passado, em vez de incorrer, no presente, nos erros antigos. Assim, ao longo de cerca de 2 mil anos, a história teve



o papel de uma escola, na qual se podia aprender a ser sábio e prudente sem incorrer em grandes erros (KOSELLECK, 2006, p. 42)

Ao contrário do que pensava o Sr. Binns, com seu apego aos “fatos irrefutáveis”, a História é uma narrativa reconstituída a partir de vestígios do passado, não uma verdade absoluta e fechada que nos é transmitida, pronta, pela documentação. Muito mais real é o entendimento do diretor, que compreende as sutilezas e contrariedades do fazer historiográfico. Pois, como colocou Marc Bloch, “Como primeira característica, o conhecimento de todos os fatos humanos no passado, da maior parte deles no presente, deve ser [...] um conhecimento através de vestígios” (BLOCH, 2001, p. 73).

As memórias visitadas na *Penseira* cumprem, *grosso modo*, o papel de uma fonte historiográfica, isto é, os referidos vestígios, exceto que, no livro, ela pressupõe uma neutralidade de perspectiva que, na prática, não existe. Até porque, apenas para mencionar a diferença mais evidente, o historiador não estuda o passado como espectador distanciado, mas através de documentos produzidos por sujeitos da época sobre a qual ele se debruça. Não obstante, esse modelo de investigação histórica, que chamaremos de modelo-Dumbledore, é surpreendentemente mais próximo da escrita da história atual, do que aquele ensinado pelo Prof.

Binns, ainda que somente ao segundo seja conferido, expressamente, pela autora, o título de “História”.

No decorrer do sexto livro, acompanhamos pelo menos cinco “aulas” centrais na *Penseira*, todas dedicadas ao estudo do passado do antagonista. São elas: as origens familiares, explicando a infância perturbada e a obsessão de família com a ascendência nobre; o período no orfanato, indicando seu desejo de distinção e tendência a colecionar “troféus”; uma visita de trabalho como avaliador de peças raras, evidenciando sua cobiça por objetos de grande importância histórica e mística; sua entrevista de emprego para o cargo de professor da antiga escola, sugerindo seu apego a lugares significativos de sua trajetória pessoal; e, finalmente, uma pergunta sobre aquilo que a narrativa chama de “artes das trevas”, revelando sua ambição pela imortalidade. Todas elas servem para compreender diferentes momentos-chave de seu passado e, conseqüentemente, ajudam a explicar suas ações no presente. É tão somente por ter-se munido desse conhecimento que o protagonista é capaz de, no último livro, sair vitorioso.

Pela limitação do espaço, bem como para não enfadar o leitor, eu gostaria de analisar mais detidamente apenas duas dessas memórias, já que



complementares: a do orfanato e a visita como avaliador. Na primeira, acompanhamos o diretor em seu primeiro contato com o futuro antagonista, nesta época ainda uma criança, isolada e temida entre seus pares. Explica-o que as coisas estranhas que acontecem ao seu redor devem-se ao fato de ser bruxo, revelação que o surpreende menos do que o esperado. Por fim, convida-o a ingressar em sua escola de magia, o que é prontamente aceito, embora o vilão recuse qualquer ajuda, preferindo agir solitariamente. Dessa “sessão de estudo”, Dumbledore chega, com uma astúcia indispensável ao bom historiador, às seguintes conclusões:

“Primeiro, espero que tenha reparado na reação de Riddle quando mencionei que outra pessoa tinha o mesmo nome que ele, ‘Tom’.” [...] - Ali ele mostrou seu desprezo por qualquer coisa que o ligasse a outra pessoa, qualquer coisa que o tornasse comum. Já então ele queria ser diferente, isolado, famoso. Ele abandonou o nome próprio, conforme você sabe, poucos anos depois daquela conversa, e criou a máscara de “Lorde Voldemort” por trás da qual se esconde há tanto tempo”

“Confio que você também tenha notado que Tom Riddle já era muito autossuficiente, cheio de segredos e aparentemente sem amigos. Não quis ajuda nem companhia para ir ao Beco Diagonal. Preferiu agir sozinho. O Voldemort adulto é igual. Você ouvirá muitos Comensais da Morte dizerem que gozam de sua confiança, que somente eles são íntimos e até que o compreendem. Estão iludidos. Lorde Voldemort nunca teve amigos e creio que jamais quis ter um.

“E, por último [...]: o jovem Tom Riddle gostava de colecionar troféus. Você viu a caixa de objetos roubados que tinha escondido no quarto. Foram tirados das vítimas de sua intimidação, suvenires de momentos de magia particularmente desagradáveis. Não se esqueça dessa mania de apropriação, porque, mais tarde, ela será particularmente importante. [...]” (ROWLING, 2005, pp. 201-202).

Mais tarde, a informação sobre o hábito de colecionar troféus ajudará a entender a segunda memória que abordarei aqui. Ela trata de uma visita, na qualidade de avaliador de itens raros, à casa de uma velha colecionadora de nome Hepzibá Smith. Ela mostra ao vilão duas raríssimas antiguidades, de grande valor histórico e místico, que imediatamente atraem a atenção do homem. Ficamos sabendo que ele assassina Hepzibá a fim de se apoderar dos objetos.

“Agora [...] se você não se opuser, Harry, quero fazer outro parêntese para destacar certos pontos de nossa história. Voldemort tinha cometido mais um homicídio [...]. Desta vez, como você deve ter percebido, ele não matou para se vingar, mas para lucrar. Queria os dois fabulosos troféus que aquela pobre mulher vaidosa lhe mostrou. Da mesma forma que, no passado, roubara as outras crianças no orfanato, da mesma forma que roubara o anel de seu tio Morfino, ele agora fugia com a taça e o medalhão de Hepzibá [...]”

- Mas – interpôs Harry, franzindo a testa – me parece loucura...arriscar tudo, jogar o emprego para o alto, só para obter...

- Loucura para você, talvez, mas não para Voldemort. Espero que, com o tempo, você compreenda exatamente o que esses objetos significavam para ele, Harry, mas admita que





não é difícil imaginar que ele considerou que pelo menos o medalhão era legitimamente dele.

- O medalhão talvez, mas por que levar a taça também?

- Tinha pertencido a outro dos fundadores de Hogwarts. Acho que ele ainda sentia uma grande atração pela escola e que não poderia resistir a um objeto tão impregnado com sua história. (ROWLING, 2005, p. 318)

Como certamente já sabem os leitores da saga, a trama do sétimo e último livro gira em torno da procura de objetos onde o vilão armazenara partes de sua alma. Por isso a urgência de encontrá-los e destruí-los. Não se sabe, porém, a princípio, que objetos seriam esses. Daí a importância dessa investigação do passado do vilão, e a consequente descoberta de que, dado seus agudos senso de importância, misticismo e apego à própria trajetória, a escolha dos itens a serem privilegiados teria que respeitar esses critérios. Com efeito, o medalhão e a taça são dois deles.

A fim de estabelecer mais um paralelo entre as aulas na Penseira e a História, cumpre apontar que a técnica que Dumbledore utiliza para interpretar os vestígios a que tem acesso lembra muitíssimo aquilo que Carlo Ginzburg chama de “paradigma indiciário”. Para esse autor, este seria, em suma, um modelo epistemológico, que “emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas [...] ao qual até agora não se prestou suficiente

atenção” (GINZBURG, 1989, p. 143). Seu princípio é o de, a partir de pequenos elementos negligenciáveis, descobrir uma verdade, a rigor, oculta. É como o trabalho de um detetive – que segue as pistas para descobrir o assassino –, do médico – que a partir de pequenos vestígios do corpo logra descobrir a doença – ou do psicanalista – cujo ofício baseia-se, sobretudo, em elaborar teorias a partir das pequenas falas, gestos, atitudes, enfim, tudo aquilo que pareceria desprezível aos demais. No entendimento de Ginzburg, isto se aplica, também, ao trabalho do historiador. A partir de mínimos indícios, pistas, traços, ele seria capaz de chegar a fenômenos de ordem geral. De forma que, “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.” (GINZBURG, 1989, p. 177). É precisamente essa a estratégia que emprega Dumbledore ao, a partir dos indícios de que dispõe – as características pessoais do vilão, deduzidas de fragmentos de seu passado – chegar a conclusões mais amplas – os objetos escolhidos para armazenar os fragmentos de sua alma.

#### 4. Conclusão

J.K. Rowling, especialmente a partir da figura do Prof. Binns, associa a História a uma série de características que, como vimos, não



correspondem, pelo menos desde a década de 30 do século XX, à prática historiográfica e ao que se entende como um profícuo ensino de História. Ao contrário do que defendia o Prof. Binns com sua predileção pelos “fatos” e as infinitas guerras, revoltas e tratados, hoje os historiadores estão muito mais atentos à diversidade de temas e abordagens que dizem respeito à História. Além disso, considera-se indispensável, mesmo inevitável, o constante diálogo entre passado, presente e futuro, tanto no âmbito da pesquisa histórica quanto de seu ensino em sala de aula, entendendo-se, neste último caso, que o estudo do passado só pode ser significativo quando instigado pelas questões do próprio presente.

Ainda que se possa argumentar que essa caracterização negativa da História se deva mais à personalidade do Prof. Binns do que à caracterização da disciplina em si, o que importa é reparar na associação entre ambos, entendendo-a em sua eloquência, isto é, como mais do que mero acaso. E, ainda que fosse, há que se considerar, sobretudo, levando-se aqui em conta o sucesso de público da obra em questão, a difusão de uma imagem ultrapassada e, em última instância, negativa da História entre uma relevante parcela da população, em especial crianças e jovens. A ideia

que penso ter sido passada, ao menos nessa primeira parte da saga, mesmo que inconscientemente, é que a História apresenta completa desconexão com aquilo que realmente nos diz respeito, isto é, o presente. Como vimos, trata-se de uma visão ultrapassada e equivocada de como se dá a pesquisa e o ensino em História.

A vinculação entre passado-presente-futuro, no entanto, é admitida no seio da narrativa, ainda que fora do âmbito institucional, nos títulos posteriores da saga, mesmo que isso não seja dito nem reconhecido explicitamente pela autora, e que possivelmente tenha passado despercebido pelos leitores. Também no que tange às técnicas, métodos e a própria compreensão da natureza da investigação do passado, o segundo modelo apresenta um vigoroso avanço rumo ao fazer historiográfico atual. Assim, a História passa a se tornar uma peça central da trama, uma vez que, ao iluminar o passado, orienta a ação dos protagonistas no presente. Isso fica especialmente claro nos capítulos relativos ao uso da Penseira, onde investiga-se o passado do vilão da trama com o objetivo de melhor compreendê-lo e, assim, derrotá-lo. No caso da utilização da obra para fins pedagógicos, deve-se enfatizar a oposição entre o modelo-Binns e o modelo-Dumbledore, não as situando em domínios



diferentes, mas sim caracterizando-as como abordagens distintas. Muito mais do que as enfadonhas aulas do Prof. Binns, é essa outra História que os historiadores almejam escrever e ensinar. Uma história que, verdadeiramente, articule-se com o presente ao buscar responder-lhe as perguntas que faz a si e sobre si mesmo.

## REFERÊNCIAS

- Saga de Harry Potter completa 20 anos no Brasil. **Uol Notícias**. 01 mai. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3hxnskZ> Acesso em 22 ago. 2020.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FEBVRE, Lucien. *Contra o vento: manifesto dos novos Annales*. In: NOVAIS, Fernando A. SILVA, Rogerio Forastieri da. **Nova história em perspectiva, volume 1**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário**. In: Mito, Emblemas, Sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp. 143-179.
- KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae: sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento*. In: \_\_\_\_\_. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a câmara secreta**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e prisioneiro de Azkaban**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o enigma do príncipe**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- ROWLING, J. K. **Hogwarts Ghosts**. 2015. Disponível em:



<https://www.wizardingworld.com/writing-by-jk-rowling/hogwarts-ghosts> Acesso em 22 ago. 2020.

Como citar este artigo:

SCHECHNER, Caio. Dois modelos de ensino de História na saga *Harry Potter*. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.2, n.4, jul.dez. 2020.

**Jaqueline dos Santos Cunha**

Mestra em Estudos da Linguagem pela  
Universidade Federal de Goiás - Regional  
Catalão.

E-mail: jqln.cunha@gmail.com

## ENTREVISTA COM MARIA SANAPO: A nova ilustradora de *Miss Fury*

**Resumo:** Maria Laura Sanapo é ilustradora e professora de ilustração na International School of Comics, Itália, e na *Kubert School*, Estados Unidos. Ao longo da sua carreira como ilustradora, ela vem desenvolvendo trabalhos para *DC Comics*, *Valiant* e *Dynamite*. Atualmente, está envolvida no projeto de retomada da produção de *Miss Fury*, primeira história em quadrinhos do gênero super-herói de autoria feminina, June Tarpé Mills (1918-1988), lançada originalmente na década de 1940. Nesta entrevista, procurou-se conhecer a trajetória da artista como ilustradora e suas impressões sobre sua experiência criativa com o projeto *Miss Fury*.

**Palavras-chave:** Ilustradora; *Miss Fury*; Histórias em quadrinhos.

## *INTERVIEW WITH MARIA SANAPO: Miss Fury's new illustrator*

**Abstract:** Maria Laura Sanapo is an illustrator and illustration teacher at the International School of Comics, Italy, and at Kubert School, United States. Throughout her career as an illustrator, she has been developing works for DC Comics, Valiant and Dynamite. She is currently involved in the renaissance project of *Miss Fury*, the first comic book of the female superhero genre, by June Tarpé Mills (1918-1988), originally launched in the 1940s. In this interview, it was sought to know the artist's trajectory as an illustrator and her impressions of her creative experience with the *Miss Fury* project.

**Keywords:** *Illustrator; Miss Fury; Comic book.*

Submissão: 22/09/2020

Revisão: 05/12/2020

Aprovado: 22/12/2020

Publicação: 16/02/2021



## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO

*Miss Fury* (1941-1952) é a primeira produção quadrinística do gênero super-herói de autoria de mulher. Trata-se da história da socialite Marla Drake que, quando traja a pele de leopardo herdada de um tio, passa a desempenhar funções de (super) heroína. Roteirizada e ilustrada por June Tarpé Mills (1912-1988), a tirinha seriada de *Miss Fury* foi lançada nos Estados Unidos da América (EUA) nos jornais afiliados ao *Bell Syndicate* em 13 de abril de 1941, oito meses antes da publicação de *Mulher Maravilha*. Na verdade, pesquisa recente aponta que *Miss Fury* teria servido como inspiração estética para a composição da personagem *Mulher Maravilha* (LEPORE, 2014, p. 196).

Com formação em ilustração pelo *Pratt Institute* e com experiência como estilista e modelo, June trouxe para a produção quadrinística todo o requinte que conheceu no mundo da moda. Nesse sentido, a produção chamou atenção pela representação de mulheres que eram, ao mesmo tempo, corajosas, glamorosas e supersensualizadas, o que acabou agradando tanto leitores quanto leitoras. O desinibimento das personagens concebidas pela quadrinista era também um traço subversivo diante das representações tradicionais do corpo da mulher naquela época. Por esse motivo, Mills enfrentou a censura da tirinha de 21 de março de 1943. Ao todo, 37 jornais cancelaram a

publicação daquele dia. Os jornais que ousaram publicar, fizeram o uso de uma enorme tarja vermelha sobre o corpo da personagem vestida com um modelo semelhante a um biquini (ROBBINS, 2013).

A publicação de uma história em quadrinhos de autoria inteiramente feminina na década de 1940, independentemente da forma como representava as personagens femininas ou masculinas, configura um verdadeiro avanço do ponto de vista dos direitos das mulheres, pois, até aquele momento, a indústria quadrinística ainda era um campo dominado por homens. No caso de *Miss Fury*, sua criadora procurou distanciar as personagens mulheres dos modelos femininos desenvolvidos nas histórias em quadrinhos que estavam sendo produzidas até então. A quadrinista imaginou “[...] personagens femininas relativamente mais fortes, determinadas, conscientes do ‘poder feminino’ e que não estão vinculadas ao ambiente doméstico; elas são normalmente enfermeiras, espiãs, guerrilheiras, estilistas ou modelos” (CUNHA, 2016, p. 100)<sup>1</sup>.

A combinação de todos esses elementos contribuiu para o sucesso de *Miss Fury* na época. Tal sucesso levou a companhia *Timely Comics* (atualmente Marvel) a reeditar as publicações no formato revista em quadrinhos de 1942 a 1945 (MACCABE, 2016). Como lemos em Robbins (2013), com o fim da II Guerra Mundial, o retorno

---

<sup>1</sup> Para mais leituras em português sobre *Miss Fury*, vide trabalho da pesquisadora Natânia Nogueira (2015) intitulado *As representações femininas nas histórias em quadrinhos*

*norte-americanas: June Tarpé Mills e sua Miss Fury (1941-1952)*.



dos homens para o mercado de trabalho afetou a maneira como a indústria cultural de massa passou a representar a mulher. Tais mudanças alteraram o curso de histórias de sucesso, como *Mulher Maravilha* e *Miss Fury*. Esta última, até onde sabemos uma produção solo, não conseguiu se manter no mercado e foi descontinuada em 1952. Aquela, passou por verdadeiras transformações, mas se mantém no mercado até os dias de hoje.

Mais tarde, em 1979, Robert K. Wiener reeditou *Miss Fury* e apresentou como novidade capas inéditas produzidas por Tarpé Mills, especialmente para a reedição publicada pela *Archival Press*. Em 1991, três anos após o falecimento de Mills, foi publicado pela *Adventure Comics* uma espécie de continuação de *Miss Fury*, que contava as experiências da neta de Marla Drake/*Miss Fury* ao encontrar a pele de leopardo. O empreendimento mais recente foi o *reboot* intentado pela *Dynamite Comics* de 2013 a 2016, com roteiro de Rob Williams e ilustrada por Jack Herbet. O empreendimento não alcançou o

sucesso esperado e foi descontinuado. Sua última publicação foi em 2016 (CUNHA, 2016).

Em 2019, June Tarpé Mills foi nomeada pelo *Eisner Awards* ao Hall da Fama dos quadrinhos. Esse evento ajudou a trazer visibilidade a maior produção da artista: *Miss Fury*. Aparentemente, foi nesse contexto que revigorou a ideia de Billy Tucci de criar uma história no formato *graphic novel*, contando um episódio ainda pouco abordado do Holocausto: a prostituição forçada. De acordo com a sinopse, a trama é ambientada no contexto da Segunda Guerra, 1944, e *Miss Fury*/Marla Drake atuará para capturar e levar a justiça o comandante da *Joy Division*<sup>2</sup>, que

selecionava mulheres em campos de concentração e enviava-as para treinamentos para que pudessem atuar como prostitutas, “recompensa” para os soldados da Guerra.

*Miss Fury*, de Billy Tucci, será comercializada pela *Indiegogo*<sup>3</sup> com o selo da *Dynamite* e contará com a colaboração da



Figura 1: Maria Laura Sanapo, a nova ilustradora de *Miss Fury*.

Fonte: Imagem cedida pela artista, 2020.

<sup>2</sup> *Joy Division*, “alojamento especiais” em português, é o nome dado aos bordéis para onde mulheres prisioneiras eram levadas para a prostituição.

<sup>3</sup> *Indiegogo* é uma plataforma de financiamento coletivo que funciona aos moldes do *Kickstarter* ou *Catarse*.



promissora ilustradora Maria Laura Sanapo (Figura 1) e da colorista Ceci de La Cruz. Maria Laura Sanapo é uma ilustradora italiana que desenvolveu trabalhos para empresas estadunidenses tais como *DC*, *Valiant* e *Dynamite*, ilustrando produções tais como: *Red Sonja & Vampirella*, *Betty & Veronica*, *Faith*, *Man-eater* e a minissérie da *DC Bombshells*.

Depois de quase 80 anos da primeira aparição de *Miss Fury*, mais uma mulher tem a oportunidade de revisitar esta produção que pode ser considerada inovadora, tanto no que toca ao campo da produção, quanto no campo da representação de personagens femininas. Para celebrar a inclusão de profissionais mulheres nas fontes oficiais de produção quadrinística, decidi entrevistar e conhecer um pouco mais sobre a trajetória dessa ilustradora em ascensão que vem sendo lembrada por suas ilustrações, especialmente de personagens femininas e sua relação com o projeto *Miss Fury*.

A seguir, uma breve entrevista que realizei, via *e-mail*, com Maria Laura Sanapo a respeito do seu ingresso no universo quadrinístico e da sua experiência criativa com *Miss Fury* contemporânea. Realizei a entrevista<sup>4</sup> em inglês e, posteriormente, traduzi para a língua portuguesa.

J.S.C. - *Por favor, conte-nos um pouco sobre você, sobre sua trajetória até ingressar na indústria*

*quadrinística e como o seu trabalho/formação anterior se conecta à sua atuação nos quadrinhos.*

M.L.S. - Eu moro na Itália, em uma pequena cidade chamada Cortona na Toscana, mas, normalmente, viajo muito para convenções. Antes de me tornar uma quadrinista, formei-me em línguas (inglês, alemão e espanhol) na Universidade de Siena.

Falar mais de uma língua estrangeira ajudou-me a comunicar-me melhor em convenções no exterior, principalmente quando mostrava meu portfólio aos editores. É importante poder apresentar-se da melhor maneira possível no que se refere ao trabalho, isso ajuda você a ser profissional.

Além disso, é essencial [falar inglês] se você quiser trabalhar para indústrias dos quadrinhos americanas tais como *DC Comics*, *Dynamite* etc. como eu trabalho, já que o roteiro é escrito em inglês. Também me ajudou a dar aulas na Kubert School, uma escola de arte com sede nos EUA. Não teria sido possível se eu não soubesse falar inglês. Também ensino na *International School of Comics*, em Florença, o que também é uma experiência fantástica.

J.S.C. - *Você poderia falar sobre como se tornou uma ilustradora de quadrinhos e depois uma professora de ilustração? (aqui, se não se importar, gostaria que falasse sobre seu primeiro contato com quadrinhos; que tipo de quadrinhos*

---

<sup>4</sup> As perguntas foram encaminhadas à artista por e-mail no dia 7 de agosto de 2020 e recebidas no dia 16 de agosto do mesmo ano. A tradução e a revisão final aconteceram durante o mês

de setembro. Para outras produções de Maria Laura Sanapo, acompanhe o site [www.mlsanapoart.com](http://www.mlsanapoart.com).





costumava ler quando era criança; se ainda é uma leitora de histórias em quadrinhos; quando percebeu que queria ser uma ilustradora de quadrinhos e, finalmente, como se tornou uma professora de ilustração.)

M.L.S. - Sempre quis ser artista. Eu sempre soube que acabaria fazendo algo artístico na minha vida. Não havia [outras] alternativas [para mim]. Meu primeiro encontro com o mundo dos quadrinhos foi com Marco Santucci, meu marido, que já trabalhava na área há anos e se tornou meu mentor.

Ele me avisou como era difícil fazer esse trabalho, não apenas pelas habilidades que você precisa desenvolver, mas também pela pressão dos prazos. Ele também me disse que eu poderia passar por momentos de frustração, porque, às vezes, os desenhos não saem como queremos. Eu não fiquei desanimada com isso, estava motivada.

Antes de tornar-me uma profissional, acompanhei o Marco por todo o mundo, sendo sua ajudante e intérprete em convenções. Ao mesmo tempo, trabalhei muito para desenvolver minhas

habilidades e fiz análises de portfólio com os editores. Eu também frequentei a *International School of Comics* em Florença (frequentei dois de três anos). Meus pais não estavam tão convencidos do meu desejo de ganhar a vida como artista, então

eu disse a meu pai, no final do segundo ano da Escola: “Pai, se eu não encontrar um emprego nesta área dentro de um ano, farei qualquer outro trabalho, prometo. Mas, por favor, deixe-me tentar”. Consegui um emprego depois de um mês e minha carreira começou.

Além disso, tive a grande oportunidade de lecionar na *Escola Kubert* graças a Antony Marques, o diretor. Ele foi meu editor na *Dynamite* e trabalhamos juntos vários anos. Ele teve a fantástica iniciativa de organizar aulas *online* durante o bloqueio causado pela Covid-19, então pude dar aulas da Itália. Tem sido ótimo! Os alunos aprendem muito com você, mas você também aprende muito com eles. É uma troca fantástica.

J.S.C. - Conte-nos como é sua vida como ilustradora de quadrinhos e professora de

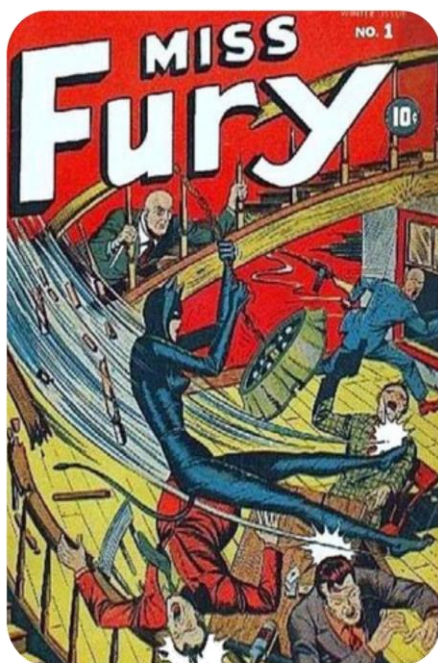


Figura 2: *Miss Fury* por Tarpe Mills (esquerda) e *Miss Fury* por Maria Sanapo (direita).  
Fonte: Tarpe, 1942 (esquerda) e imagem cedida pela artista, 2020 (direita).



*ilustração. Tem sido difícil conciliar as atividades de ilustradora e professora e cumprir os prazos da indústria quadrinística?*

M.L.S. - O segredo é organização. Se você tem uma boa organização, pode fazer o que quiser. O fato de os artistas serem caóticos e malucos é um mito. Arte é ordem, ou melhor, loucura ordenada.

J.S.C. - *Percebi que a maioria de suas contribuições são para a indústria americana de quadrinhos (Bombshells, Faith e Red Sonja, para citar alguns). Você poderia nos dar uma ideia de como está a indústria italiana de quadrinhos agora?*

M.L.S. - Sinto-me abençoada por trabalhar na indústria americana de quadrinhos, é meu lugar, meu *habitat*. A indústria italiana de quadrinhos é muito diferente da americana; em primeiro lugar, porque hoje só existe uma editora que é a *Bonelli*. Em segundo lugar, o tempo de produção é muito mais lento do que os quadrinhos americanos, e a forma de contar histórias também é diferente. Os quadrinhos americanos são focados em movimento e ação; quanto mais efeito, melhor. Em vez disso, os quadrinhos italianos são baseados em uma estrutura fixa de seis painéis.

J.S.C. - *Agora, falando sobre Tarpé Mills e sua grande produção de quadrinhos, você poderia nos dizer quando foi a primeira vez que você ouviu sobre Tarpé Mills e Miss Fury? O que chamou sua atenção sobre Miss Fury? E o que considera interessante sobre o estilo de ilustração de June Mills?*

M.L.S. - Eu ouvi sobre June Tarpé Mills quando Billy Tucci, o escritor, e Matt Idelson, o editor da *Dynamite*, me chamaram para fazer parte do projeto. Eu nunca tinha ouvido falar dessa mulher fantástica antes. Ela é a primeira mulher quadrinista da história que conseguiu fazer um trabalho [desse] nos anos 40, um período histórico em que se esperava que as mulheres ficassem em casa cuidando dos filhos. Ela conseguiu realizar seu sonho!

Além disso, ela criou uma personagem chamada *Miss Fury*, que é a antecessora da personagem *Catwoman*<sup>5</sup> da DC (outra personagem que amo). Marla Drake, também conhecida como *Miss Fury*, é uma jovem e bela socialite que se torna uma aventureira fantasiada à noite em uma trama confusa de conspiração, perigo e intriga.

Ela é uma mulher muito à frente de seu tempo. Ela luta contra os nazistas e é mãe solteira porque adota uma criança. Ela é um exemplo de coragem e brilho.

---

<sup>5</sup> *Catwoman*, na verdade, debutou nos quadrinhos em 1940. Entretanto, nos primeiros anos de publicação, a indumentaria da personagem não era um traje “felino”. A alteração na

forma de ilustrar a vestimenta de *Catwoman* com um macacão de corpo inteiro aconteceu em *Batman*: ano um, de Frank Miller e David Mazzucchelli.



J.S.C. - *Como você entrou no projeto Miss Fury?*

M.L.S. - Tenho de agradecer a Matt Idelson, Billy Tucci e *Dynamite* por me darem a possibilidade de trazer de volta esse lindo personagem de 1941. Eles me perguntaram se eu queria fazer parte do projeto, e eu disse que sim! A história escrita por Billy, que também é um artista fantástico, é tão incrível, cheia de ação e estou muito orgulhosa de ser a artista/ilustradora dessa série fantástica!

J.S.C. - *Tenho certeza de que você deve receber muitas perguntas relacionadas às mulheres sendo sexualizadas nos quadrinhos. Lamento se isso incomoda você, mas agradeceria se pudesse compartilhar suas reflexões sobre isso. Você gosta de desenhar mulheres supersexy? Em caso afirmativo, deseja enviar uma mensagem fazendo isso? Que mensagem é essa? Ainda existe alguma solicitação da indústria para seguir um determinado padrão de ilustração relacionado ao corpo da mulher?*

M.L.S. - Bem, hoje em dia a indústria de quadrinhos é mais variada e não me importo de desenhar mulheres *sexy*. Acho que devemos nos concentrar mais na mensagem do herói. Se lemos uma história em quadrinhos ou assistimos a um filme, nos identificamos com o sentimento dos personagens, não com as aparências físicas. Devemos ir além disso. A indústria de quadrinhos está cheia de mulheres fortes nos últimos anos, e isso me deixa orgulhosa. Heroínas que representam todas as mulheres que não esperam pelo príncipe encantado (ou que talvez possam salvá-las! :D). Essa é a mensagem e é isso que importa.

J.S.C. - *E quanto aos homens? Você gosta de ilustrar homens? Na sua opinião, quais são as principais diferenças entre ilustrar os corpos das mulheres e os dos homens para a indústria?*

M.L.S. - Eu adoro desenhar homens também, embora seja solicitada a desenhar principalmente mulheres. Eles são anatomicamente diferentes, e os gestos também são diferentes. No entanto, nem sempre, pois depende da personalidade do seu personagem. Na verdade, em *Miss Fury*, há um personagem transgênero que mal posso esperar para desenhar. Será uma mistura dos dois gêneros, um amálgama interessante.

J.S.C. - *June Mills foi modelo e ilustrou moda antes de se tornar quadrinista. Ao ler Miss Fury, podemos ver que ela trouxe o glamour da moda para os quadrinhos e parecia gostar de ilustrar mulheres e homens glamorosos. Na minha opinião, ela gostava tanto do glamour envolvendo as personagens que se cansou da monocromática Miss Fury. Quero dizer, temos muito mais histórias envolvendo a glamorosa Marla Drake, a baronesa, e de outras mulheres bonitas do que da Miss Fury em ação. Qual é sua opinião sobre isso?*

M.L.S. - Acho que todo artista se transporta para o mundo que desenha. June Mills era uma mulher glamorosa que não apenas criou uma personagem e uma história maravilhosa, mas também os enriqueceu com sua classe e senso de moda. Tudo que ela fez foi elegante, dá para sentir o toque dela em tudo que ela fez. E, quando você é reconhecido como um artista, é a melhor coisa. Você tem sua



própria personalidade e pode comunicá-la ao leitor. É fantástico.

J.S.C. - *Pelo que você ilustrou até agora, você pode nos dizer se Miss Fury será mais ativa na próxima série?*

M.L.S. - É apenas o começo de uma grande aventura! Veremos *Miss Fury* lutando em muitos lugares diferentes, Nova York e Paris, por exemplo, e ela logo encontrará seus dois arqui-inimigos: o general Bruno e a Baronesa Erica Von Kampf. Fique ligada!

J.S.C. - *Por fim, quais são seus projetos futuros depois de ilustrar Miss Fury?*

M.L.S. - Quem sabe? Mas tenho certeza de que farei o meu melhor no meu trabalho que tanto amo!

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Jaqueline dos Santos. **A representação feminina em Mulher Pantera e Mulher Maravilha**. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016.

LEPORE, Jill. **The secret history of Wonder Woman**. New York: Alfred A. Knopf, 2014.

MCCABE, Caitlin. Tarpé Mills. In: GÓMEZ, Betsy. (ed.). **She changed comics**. Berkeley: Image Comics, 2016. p. 15-16.

TARPÉ, Mills. **Miss Fury #1**. New York: Timely Comics, 1942.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **As representações femininas nas histórias em quadrinhos Norte-Americanas: June Tarpé Mills e sua Miss Fury 1941-1952**. 2015. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2015.

ROBBINS, Trina. **Pretty in ink: North American women cartoonists 1896-2013**. Seattle: Fantagraphics Books, 2013.

Como citar este artigo:

CUNHA, Jaqueline dos Santos Cunha. Entrevista com Maria Laura Sanapo: a nova ilustradora de Miss Fury. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.2, n.4, jan.-jun. 2020.